

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

MIGUEL, José Aparecido. José Aparecido Miguel (depoimento, 2008). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (0h 34min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL e COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**José Aparecido Miguel
(depoimento, 2008)**

Rio de Janeiro

2018

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Virginia Pradelina da Silveira Fonseca;

Levantamento de dados: Virginia Pradelina da Silveira Fonseca;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Alzira Alves de Abreu; Virginia Pradelina da Silveira Fonseca;

Técnico de gravação: Marco Dreer Buarque;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 11/12/2008 a 11/12/2008

Duração: 0h 34min

Arquivo digital - áudio: 1; Fita cassete: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto "Capitalismo e tecnologia no Jornalismo contemporâneo: funções sociais e práticas profissionais", desenvolvido pela Profa. Virginia Fonseca, orientada pela Dra. Alzira Alves de Abreu, dentro do plano de atividades do estágio pós-doutoral, realizado no CPDOC, entre março de 2008 e março de 2009. O principal objetivo do trabalho era refletir sobre a identidade do jornalista contemporâneo. A escolha dos entrevistados se justificou pelo cargo de direção na redação da organização jornalística em que atua, circunscrevendo-se, assim, à categoria de elite da profissão. Ele é editor-executivo do Jornal do Brasil e também assina a coluna "Outras páginas".

Temas: Analfabetismo; Editoração; Família; Formação acadêmica; Formação profissional; Gazeta Mercantil; Governo estadual; Imprensa; Jornal do Brasil; Jornalismo; Mídia; Partidos políticos; Petrobras; Política; Pontifícia Universidade Católica; Publicidade; São Paulo; Tecnologia da informação; Veículos de comunicação;

Sumário

Entrevista: 11.12.2008

Fita 1-A: Origens familiares; formação na PUC-Campinas (1974); motivos da escolha da profissão; relato sobre sua trajetória profissional: revisor do Diário do Povo, correspondente da Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo (Campinas), Correio Popular, chefe de redação da EPTV, Estado de São Paulo (ABC) (1980-1984), assessor de imprensa da Rodhia, editor de jornal da Itaú Seguros, criação de jornais internos da Petrobrás, coordenador de comunicação do governo do estado de São Paulo, revisor geral do Jornal do Brasil, Gazeta Mercantil, editor executivo do Jornal do Brasil (2007); evolução na tecnologia da informação; jornais e outros meios de comunicação; rotina de trabalho; edição do Jornal do Brasil; necessidade de novas abordagens nas reportagens; perfil dos novos jornalistas; novas tecnologias para os jornais; como os fatos viram notícias; importância do jornalismo para a sociedade; atuação dos jornalistas; função dos jornalistas; jornais alinhados a partidos políticos; chama a atenção para a parcialidade no jornalismo; longo relato sobre como as reportagens são feitas e escolhidas; mudanças nas mídias e necessidade de renovação dos jornais; mercado publicitário; importância do jornal impresso para os analfabetos.

Entrevista: 11/12/200

Virginia Fonseca - Qual o ano e o local do teu nascimento, a origem e formação dos teus pais e a tua formação superior?

José Aparecido Miguel - Eu nasci numa cidade pequena chamada Morungaba, no estado de São Paulo, que fica a 42 Km de Campinas, 103 Km da capital. Sou filho de Eleutério Miguel e Helena Miguel, comerciantes e com uma formação de nível primário. Eles conseguiram fazer uma obra importante. Eles têm uma espécie de frigorífico. Em 1958/1960, eles fizeram a grande tarefa de interromper a vida empresarial para que os filhos estudassem. Eu me formei pela PUC em Campinas em Comunicação Social – Jornalismo em 1974.

V.F. - Por que escolheste Jornalismo?

J.M. - Porque desde criança, participava muito da área de artes, comunicação. Por exemplo, já no primário, na minha pequena cidade, eu fazia parte de teatros infantis em Amparo (SP). Nós saímos de Morungaba, porque não tinha ginásio, só tinha os quatro anos do primário, e mudamos para Amparo. Lá eu trabalhei em rádio, o que me atraiu para o Jornalismo. Mas eu tenho uma curiosidade, minha atração por jornais é muito curiosa: meu pai assinava todos os jornais: *Diário de São Paulo*, *Estado de SP*, *Folha de São Paulo*, *Folha da Tarde*, *Gazeta Esportiva*, *Folha da Manhã*, mas não interessado na informação, interessado em ter o jornal para embrulhar a carne que seria vendida no açougue. Mas assim, todos nós em casa líamos muitos jornais.

V.F. - Qual é o teu histórico profissional?

J.M. - Eu trabalhei em vários lugares, mas eu exerço a profissão [cargo] de chefia desde 1976. Eu comecei a trabalhar como revisor antes mesmo de estar na Faculdade, no *Diário do Povo*, de Campinas. Em Campinas, trabalhei na *Folha de São Paulo*, como correspondente, e no *Estado de São Paulo*, na sucursal em Campinas, trabalhei no *Correio Popular*, por um curto período, outro jornal de Campinas, e trabalhei também na EPTV, que é uma afiliada da Rede Globo, onde fui chefe de redação. Fui chefe da sucursal do ABC do jornal *Estado de São Paulo*, no período de 1980-1984, onde cuidava da área do movimento sindical, de onde nasceu o Lula (o movimento sindical era muito efervescente naquela época), trabalhei como assessor de imprensa na Rodhia, fui editor de jornal interno da Itaú Seguros, criei dois jornais internos para a Petrobrás (um na Refinaria de Paulínea, outro na refinaria de São José dos Campos), fiz muitas coisas, tenho uma carreira bem diversificada. Ajudei a organizar eventos como a Escola do Brasil, fui coordenador de Comunicação Social do Governo do Estado de São Paulo, por oito meses no último ano do mandato do governador Fleury, fui coordenador das assessorias de imprensa do governo dele também, fiz campanhas políticas e tinha minha assessoria de imprensa (que tem 20 anos de existência), mas ela está desativada, e, quando fiz alguns trabalhos para o *Jornal do Brasil* e para a *Gazeta Mercantil*, acabei sendo convidado a voltar ao dia a dia da imprensa. Eu achei muito interessante porque isso, de certa maneira, coroa uma vida inteira de trabalho nessa área.

V.F. - Tu estás na função de editor executivo do Jornal do Brasil desde quando?

J.M. - Desde setembro do ano passado. Eu entrei aqui como revisor geral, com nível de editor também, porque nessa época tinha muita dificuldade aqui, de erros no jornal, e eu cuidava dessa área. Dois meses depois, a gente fez uma reestruturação e eu passei a ser editor executivo. Somos três editores executivos e um editor-chefe. Paralelamente ao *JB*, eu sou diretor de integração de mídias e cuido da sinergia entre os veículos da empresa – Companhia Brasileira de Multimídia¹ (CBM). Cuido, portanto, das relações entre a *Gazeta Mercantil*, que fica em São Paulo, a Editora Peixes, que fica em São Paulo, e o *Jornal do Brasil*.

V.F. - Que fatos ou acontecimentos, no Brasil e no mundo, marcaram a tua geração?

J.M. - A minha geração foi marcada pelo período dos tais Anos de Chumbo, da ditadura militar, que conduziu o País a um atraso que repercute até hoje, um atraso incomensurável. Isso marcou, e eu acho que o que marca, a gente quando fala em marcar, acaba se lembrando de coisas recentes, mas do meu ponto de vista, foi a evolução da tecnologia da informação, foi a rapidez com que tudo foi mudando. Eu sou do tempo que um jornal era composto com chumbo, era como se fosse uma máquina de escrever – as linotipos. Eu conheci telex, radiofoto. Eu sou uma pessoa feliz por ter passado por todas essas mudanças, que estão ocorrendo até agora e que ocorrem com uma velocidade estonteante.

V.F. - A minha pergunta seguinte era justamente o que de mais importante mudou no jornalismo desde o tempo em que começaste a trabalhar.

J.M. - A velocidade da informação, e como a informação é entregue. As ferramentas da informação. Você tem a informação no táxi, quando o táxi é de luxo, no elevador tem informação, no celular tem informação, na rua tem um painel com informação. E a velocidade proporcionada pela *web*, a comunicação por e-mail, enfim... Eu acho que são dezenas de mudanças, mas, para resumir, [a mudança mais importante] é o formato da entrega da informação, como você recebe a informação. Por isso que os jornais hoje sofrem muito, porque eles têm que buscar um novo caminho, têm que se diferenciar de reproduzir no dia seguinte o Google ou a TV Globo dando a manchete no JN e você amanhã dando o mesmo tipo de informação. Essa é uma preocupação constante em todas as redações. Aqui no *JB* nós temos uma preocupação muito clara com isso e pensamentos que a gente acha que são apropriados para tratar dessa questão. Só que são *feelings*, não são coisas absolutas, não são coisas objetivas.

V.F. - Descreve-me a tua rotina de trabalho.

J.M. - A minha vida é dividida entre Rio de Janeiro e São Paulo. Passo segunda, terça e quarta em São Paulo, quinta e sexta no Rio, e no Rio faço, às vezes, plantões nos finais de semana, fecho a edição de domingo sozinho, com uma equipe de plantão. Eu levanto às oito horas, faço uma caminhada, onze horas eu estou no jornal. Às onze horas tem uma reunião

¹ A Companhia Brasileira Multimídia (CBM) arrendou por 50 anos os títulos do Jornal do Brasil (da família Nascimento Brito) e da Gazeta Mercantil (da família Levy). É proprietária também da Editora Peixes e das empresas Brasil Digital, Casa Brasil e Brasil Log. O acionista majoritário, Nelson Tanure, atua também em outros segmentos de negócios no Brasil. Fonte: José Aparecido Miguel, em entrevista concedida em 11/12/2008, na redação do JB, Rio de Janeiro.

de pauta, uma reunião muito democrática com os editores de cada área (País, Economia, Cidades, Esportes, Caderno B). A gente conversa durante uma hora mais ou menos, estabelece o que vai fazer no dia. Essa pauta não é o resultado final do que vai acontecer no jornal do dia seguinte, mas é um roteiro, um caminho para que a gente trabalhe. A gente almoça e tem serviços de rotina. Por exemplo: trocar a pauta com a Gazeta, tratar de assuntos da própria edição, se vai ser tema do dia, se não vai ser tema do dia, se uma equipe está desfalcada ou não, se uma editoria está com problemas ou não, e com essa rotina a gente às cinco horas, quando faz outra reunião. Essa é a reunião que vai definir mais claramente o que vamos fazer na edição do dia seguinte. A gente escolhe o tema do dia, que são as duas páginas iniciais do jornal, e depois nós ficamos em uma coisa chamada aquário, que na verdade é uma sala, (os editores executivos e o editor chefe) discutindo o que vai para a primeira página. Aqui nós temos um processo muito democrático de decisão do que vai acontecer na primeira página. A gente sempre privilegia Cidade, na primeira página costuma dar bem Cidade, procura dar nas manchetes, tirando as situações em que você não pode fugir delas, temas diferenciados dos demais jornais. A gente sabe, por exemplo, que amanhã vão falar sobre tal aspecto da crise econômica. A gente procura evitar seguir nessa trilha.

V.F. - Como vocês ficam sabendo que o jornal O Globo, por exemplo, vai dar determinada abordagem?

J.M. - Fica difícil explicar isso, mas os jornalistas pensam, embora seja uma atividade diversificada, como a média das pessoas, o *status quo*. O que é notícia para a gente? É notícia aquilo que afeta a classe média, que impacta o pobre, aquilo que envolve o juro. A gente sabe, mais ou menos, que o *Estadão*, por exemplo, tem uma linha mais conservadora que a *Folha*, a gente sabe como eles tratam os temas. Se é um tema ligado à reforma agrária, o *Estadão* vai focar de uma maneira, a *Folha* de outra, o *Globo* de uma maneira muito próxima do *Estadão* e o *JB* vai focar da maneira dele, que eventualmente pode ser próxima a da *Folha* ou ter um outro foco. Não sei se ajudei...

V.F. - Um pouco, mas nós vamos voltar a esse assunto ainda. Em relação à rotina de trabalho, quantas horas tem a tua jornada de trabalho?

J.M. - Minha jornada de trabalho é de dez ou onze horas, e no final de semana, na sexta-feira, quando a gente edita o jornal de sábado e a primeira edição de domingo, que está nas bancas sábado à tarde, aí, costumeiramente a gente sai por volta de uma hora da manhã de sábado, às vezes três horas. Aí dá mais de 12 horas de trabalho.

V.F. - Como um gestor de pessoas, de recursos humanos, como tu descreverias o perfil do jornalista que está atuando nas redações dos grandes veículos hoje, de uma maneira geral?

J.M. - O perfil mais adequado no momento é jovem bem preparado, que saiba línguas (pelo menos uma outra língua), que entenda das novas ferramentas, de tecnologia. Essas são características iniciais fundamentais. As outras ele vai demonstrar na execução do trabalho.

V.F. - Um repórter no JB precisa ter domínio das outras mídias também ou não? Produzir para a internet, para rádio...

J.M. - Nós estamos introduzindo esse esquema aqui no *JB*, um perfil multimídia. Inclusive eu estou cuidando de uma plataforma tecnológica onde nós teremos depositadas todas as matérias, todos os textos, todas as fotos, todas as artes num universo virtual único, onde o editor poderá olhar o que a *Gazeta Mercantil* fez, o que o *JB* fez, o que a Editora Peixes fez. Ele, por exemplo, vai poder editar aquilo como está, retrabalhar aquilo com outro material, buscar em arquivo anexado a essa plataforma. Nós vamos fazer isso provavelmente em quatro meses. Essa iniciativa só tem esse aspecto de universo virtual porque o sonho de todos os jornais que têm irmãos (por exemplo, o *Estado de São Paulo* e o *Jornal da Tarde*, a *Folha de São Paulo* e o jornal *Agora*) é ter uma sinergia de conteúdos e é muito difícil conseguir. Hoje tem mais facilidade, a própria tecnologia acaba impulsionando isso.

V.F. - Vamos voltar agora aos temas mais jornalísticos. Quais são os critérios usados aqui no *JB* para selecionar as notícias, ou seja, como é que um determinado evento/acometimento sai da vala comum dos acontecimentos sem importância e vai se transformar em notícia?

J.M. - Nós sabemos que o jornal, por exemplo, tem uma circulação, 25% dos leitores do jornal moram na Zona Sul do Rio de Janeiro. É o segundo jornal mais lido do Rio na Zona Sul. Então nós adotamos o critério de tentar pensar o que pensa a Zona Sul sobre alguns temas, especialmente no caso de Cidades. Como tira da vala comum? Eu acho que são exceções que se tira da vala comum. Na maioria das vezes, as informações trafegam, fluem, naturalmente para todos os veículos. As pessoas ligam e falam “está acontecendo isso” e nós fazemos (temos uma equipe que não é tão grande) uma espécie de “jornalismo de escolha”, ou seja, nós definimos os temas que queremos. O que vamos abordar hoje?

V.F. - Na tua opinião, qual é a função do jornalismo na sociedade?

J.M. - Na minha opinião, uma função importantíssima, que demanda a pessoa ser séria, ter princípios éticos elevados, ter correção, ter responsabilidade com a informação. O jornalismo é muito importante, porque forma opinião, ele pode criar ansiedades na sociedade.

V.F. - Tu acreditas que o jornalismo tem capacidade de agendar o público, por exemplo, de apresentar temas que vão ser discutidos pelo público e influenciar a formação da opinião pública?

J.M. - Sim, eu acredito. Eu acredito que é isso que se faz, o que outros meios fazem de maneira diferente. Eu acredito que uma novela pode influenciar hábitos de consumo, moda, etc. Eu acredito que o jornal pode influenciar debates, tratar de temas que interessam à sociedade, ou até temas sem grande interesse, mas que acabam virando moda.

V.F. - E o jornalista, ele é um fiscal do poder, um simples difusor de informações, quem é o jornalista?

J.M. - Aí depende do perfil do profissional. Há jornalista que atua mais na linha de investigação porque quer descobrir o que o poder público está fazendo de errado, tem outro que é mais acadêmico e quer divulgar o que está acontecendo nas universidades, tem outro que pensa mais no aspecto da saúde, da educação. Eu acho que o jornalista tem que ter consciência, sim, que ele pode contribuir como fiscal do poder público, mas a sua função

primordial é informar, e bem informar. Essa é a função básica do jornalista, é dizer quem, quando, onde, como e por quê. Há os profissionais que fazem jornalismo interpretativo, você tem diferentes variáveis aí em como atua um veículo. Tem veículo que se assume partidariamente. No Brasil isso é considerado um absurdo, mas em outros países isso é muito normal. Que tal veículo seja alinhado ao PT, ou ao PMDB, ou ao PSDB. Aqui o único caso conhecido e declarado é o da Carta Capital em relação ao governo Lula. Nesse aspecto, há um equívoco muito grande na sociedade, de dizer que o jornalista é isento, é imparcial. É uma mentira, uma bobagem, não existe isso. É uma bobagem. Quando eu sento na frente do computador e escrevo um texto, estou escrevendo o que o José Aparecido Miguel decidiu escolher para contar. Eu posso ser um jornalista objetivo, tecnicamente correto, vou ouvir as versões, contar todos os lados da informação, mas quando opto por escolher uma abertura de texto já determinei, já estou dando um conceito para aquele tema, já estou dando um caminho, já estou direcionando. Então não existe isenção, imparcialidade. São palavras inadequadas. Tem jornalismo bem feito, tecnicamente correto, objetivo, claro, equilibrado, mas não isento nem imparcial. Só para acrescentar, porque isso é uma coisa muito polêmica, o que estou dizendo não é nada de mais, essa história do isento e imparcial, porque as pessoas podem pensar “que maluco”, mas é que isso é do ser humano, ninguém é isento e ninguém é imparcial, em nada. Falar que a pessoa não tem visão política.

V.F. - Quando vocês selecionam os temas que serão noticiados e selecionam as fontes a serem ouvidas levam em conta, nessas escolhas feitas diariamente (o que vai para a primeira página, para a segunda, enfim...) vocês levam em conta a audiência, ou seja, o interesse do leitor por aquele tipo de assunto ou vocês dão uma matéria mesmo que ela, num primeiro momento, não tenha interesse imediato para o leitor?

J.M. - Nós damos a matéria pela importância dela também para a sociedade, independentemente de agradar o leitor, mas é óbvio que nós precisamos vender o jornal e aí a gente também define fontes... Na verdade o que a gente costuma fazer é dar mais de uma fonte sobre o tema, para que aquele assunto tenha um equilíbrio, ou ganhe uma característica equilibrada, de pluralidade. Isso, muitas vezes, a gente não consegue. Por exemplo, se um assunto ocorre às 18h, e o jornal tem mais familiaridade com tal fonte, muito provavelmente o repórter vai conseguir falar com a fonte, mas não vai conseguir falar com o contraponto daquela fonte, e no dia seguinte fica parecendo ao leitor que o jornal quis conduzir o assunto para determinado lado. Não é sempre isso que acontece, se bem que acontece também de a mídia querer conduzir as fontes para cá ou para lá.

V.F. - A que horas vocês fazem o fechamento da edição?

J.M. - A gente resolve tudo entre 19h30min e 21h30min. Temos uma segunda edição às 11h (23h). Às vezes temos uma terceira por causa de futebol, que vai até mais tarde, ou quando têm episódios graves, acontecimentos graves que demandam esperar. Por exemplo: acidente de avião às 22h. Você vai prolongar o fechamento muito mais.

V.F. - Aqui no JB existe a figura do *ombudsman*, ou do ouvidor, ou alguém que exerça papel semelhante?

J.M. - Não no formato existente, por exemplo, na *Folha de São Paulo*. O que nós temos, e começamos a praticar recentemente, é um dos editores executivos, o Rodrigo de Almeida, uma pessoa muito bem preparada, de 33 anos, que já fez três livros, ele faz uma leitura do jornal para apontar erros – de cobertura, de enfoque, erros gerais. Nós temos projetos para ampliar a participação do leitor na avaliação do jornal, como se fosse um conselho editorial maior, mas isso não está implantado ainda. Eu lhe asseguro uma coisa, o *Jornal do Brasil* é o jornal que mais publica opinião de leitor atualmente, com esse sistema de fazer enquete na internet toda hora. Está sempre trazendo opinião de leitor.

V.F. - Há alguma coisa que não tenha sido tratada nesta entrevista e que tu gostarias de acrescentar?

J.M. - Eu acho que nós teremos pela frente muitas mudanças ainda na mídia.

V.F. - Que mudanças vislumbras que estejam para acontecer?

J.M. - Eu não sou catastrofista, de falar que os jornais vão desaparecer. Não acho em 30 anos, para pegar um período legal de tempo. Não acho que vão desaparecer nesse período, mas acho que o peso vai cair muito.

V.F. - E como é que eles vão sobreviver comercialmente se terão uma redução de tiragens?

J.M. - Eles vão sobreviver atuando em quatro áreas. Nós temos um projeto aqui, desenvolvido pela empresa, que são: a mídia tradicional, os projetos editoriais especiais, no mídia (os eventos) e projetos digitais. Os jornais vão ter que viver mais ou menos associados a esses três outros pilares. Caso contrário, não vão sobreviver, porque, como eu lhe disse antes, as ferramentas de entrega da informação mudaram. Não é que elas estão em fase de mudanças, elas mudaram, mudaram claramente. O que não está acontecendo ainda, e que prejudica muito essa evolução, é que o mercado publicitário brasileiro e do mundo ainda vê o mundo com olhos tradicionais, e não com olhos de internet, de painel eletrônico e tal. Quando isso ocorrer, aí sim os jornais serão muito afetados.

V.F. - Não só quando as agências de publicidade mudarem a sua visão, mas também quando a própria população brasileira tiver maior acesso a internet.

J.M. - O jornal impresso, a meu ver, ainda tem espaço a ganhar porque a população brasileira é praticamente analfabeta, tem um índice de analfabetismo elevadíssimo no Brasil, e esse público que vai aprender a ler ainda vai se interessar por um veículo como o jornal, pelas nossas condições econômicas e sociais. Isso é meu sentimento, não é nenhuma verdade científica. Se você ouvir bastante gente, talvez possa criar uma idéia melhor disso.

[FIM DA ENTREVISTA]